

**MULHERES OFICIAIS E GRADUADAS NA BASE AÉREA DE
CANOAS/RS: UM ESTUDO DE MEMÓRIA SOCIAL**Felipe Biasus¹Lucas Graeff²Paula Pinhal de Carlos³

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre experiências de vida e de trabalho de mulheres militares lotadas na Base Aérea de Canoas, no Rio Grande do Sul, Brasil. Aborda-se as escolhas de carreira e as diferenças de gênero relatadas ou evocadas por seis mulheres oficiais e graduadas sob a perspectiva interdisciplinar dos estudos em memória social. Os depoimentos das entrevistadas indicam que as escolhas de carreira são marcadas pela socialização primária (família) e que a formação militar se volta para uma anulação das diferenças de gênero - e não para o reconhecimento dessas diferenças.

Palavras-chave: memória social; gênero; instituições militares; Força Aérea Brasileira.

Abstract: This article presents the results of a survey on the experiences of living and working military women at the Canoas Air Force Base, Rio Grande do Sul, Brazil. It approaches the career choices and gender differences reported or evoked by six women, officers and graduates, in the perspective of interdisciplinary studies in social memory. The testimonies of the interviewees indicate that career choices are marked by primary socialization (family) and that military training turns to a reversal of gender differences - and not to recognizing these differences.

Keywords: social memory; gender; military institutions; Brazilian Air Force.

¹Mestre em Memória Social e Bens Culturais e licenciado em História pelo UNILASALLE.

² Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais do UNILASALLE. Doutor em Etnologia e Sociologia Comparada pela Universidade de Paris 5 (Sorbonne).

³ Professora permanente do Mestrado em Direito e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais do UNILASALLE. Doutora em Ciências Humanas pela UFSC, mestra em Direito pela UNISINOS e bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais pela mesma instituição

Introdução

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa sobre experiências de vida e de trabalho de oficiais e graduadas mulheres da Base Aérea de Canoas/RS (BACO)⁴. Trata-se de uma construção a partir da dissertação de mestrado de Felipe Biasus, intitulada “Mulheres oficiais e graduadas na Base Aérea de Canoas: memórias de vidas e narrativas fotográficas”, defendida em 2013 no Mestrado em Memória Social e Bens Culturais do UNILASALLE, orientada por Lucas Graeff e Paula Pinhal de Carlos. A ideia original foi realizar uma investigação qualitativa, pautada nos conceitos de memória social e gênero, a fim de compreender como essas mulheres pensam seus tempos vividos no cotidiano de uma instituição militar. Entre os objetivos maiores dessa proposta, destacam-se, de um lado, o de contribuir para os debates sobre gênero e trabalho no Brasil a partir de um recorte pautado pelo conceito de memória social e, de outro lado, o de tomar parte na consolidação de estudos qualitativos sobre as instituições militares no país.

A intenção de mostrar experiências de vida e de trabalho de mulheres dentro de uma Unidade Militar explica-se, em primeiro lugar, pelo seu ingresso relativamente recente na Força Aérea Brasileira e, mais especificamente, na BACO. Em 2012, a presença do quadro feminino da Força Aérea Brasileira completou exatos 30 anos de serviços prestados. Atualmente, o quadro feminino representa 13% dos militares da ativa da Força Aérea Brasileira (FAB). Além desse marco histórico, o estudo também foi motivado por questões pessoais: Felipe Biasus é filho de oficial de carreira da FAB. Tem, por essa razão, uma longa trajetória de experiências vividas na BACO ou em torno dela. Além de testemunhar diretamente mudanças e continuidades que se deram no cotidiano da Unidade com o passar dos anos, ele contou com a abertura necessária para a realização da pesquisa que fundamenta este trabalho.

Neste artigo procura-se abordar e discutir diferenças marcantes de gênero relatadas ou evocadas por seis mulheres em situação de entrevista. Para tanto, parte-se da hipótese de que tal situação depende de um “trabalho de memória” (Bosi, 1994), ou seja, de um esforço

⁴ A sigla BACO será utilizada ao longo deste artigo para se referir à Base Aérea de Canoas/RS.

consciente de evocação e reconstrução do passado a partir do presente. Por mais que se esteja tratando de questões cotidianas, o momento da entrevista instaura um “instante privilegiado [no qual é possível] reconstituir durações e tempos vividos através de narrativas” (Graeff, 2008: 21). Ainda que tais lembranças recorram, antes de tudo, a “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas (Le Goff, 2003: 419), o que está em jogo é como elas contribuem ou não para “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum” (Pollack, 1989: 19) – no caso, denominadores a respeito de lugares, eventos, discursos e situações banais que se dão na BACO e no escopo das relações de gênero que ali se estabelecem.

1. Mulheres na Força Aérea Brasileira: um pouco de história

Segundo as fontes consultadas, a pioneira entre as mulheres presentes em uma campanha militar chama-se Maria Quitéria de Jesus (Alvarez, 2011; Bastos,

2009). Entre 1820 e 1822, Maria Quitéria participou das lutas contra o domínio de Portugal na região da Bahia disfarçada de soldado. “Mesmo descoberta, permaneceu no Exército Brasileiro graças à sua bravura, sendo transferida para o Batalhão Voluntários do Príncipe” (Bastos, 2009, p. 15). Outra pioneira entre militares no Brasil foi Ana Vieira da Silva, “que lutou clandestinamente na Revolução Constitucionalista em São Paulo em 1932” (Alvarez, 2011: 43).

Assim como durante a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, quando um grupo de 73 enfermeiras foram enviadas para hospitais norte-americanos como um emblema do engajamento feminino pela pátria, mas que não detinham os mesmos direitos dos praças (De Oliveira, 2013), essas heroínas originais não foram incorporadas aos batalhões ou à caserna⁵. Mesmo no caso das enfermeiras, profissão considerada tipicamente feminina (Bruschini, 1978; 1994; 2007), pois está ligada ao cuidado, foi necessário aguardar até a segunda metade dos anos 1950 para que as primeiras enfermeiras militares

⁵ Caserna vem do francês (caserne). É uma palavra feminina e significa alojamento dos soldados num quartel ou forte. Pode ser também

o lugar onde se alojam tropas ou o próprio quartel. Refere-se, de um modo geral, ao trato de assuntos militares (FERREIRA, 2004, p. 419).

passassem a “gozar dos direitos, vantagens e regalias inerentes aos oficiais da ativa” (De Oliveira, 2013: 9).

No caso da FAB, o marco histórico mais significativo remonta ao ingresso de mulheres no início de 1982, através do Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica (Lombardi, 2005; Santos; Cunha, 2009). Segundo diversos autores, a criação do CFRA⁶ e de outras modalidades de ingresso de mulheres nas forças armadas brasileiras no início da década de 1980 responde tanto à perda de prestígio dos militares no período de redemocratização, aos movimentos sociais e à compensação de contingentes masculinos insuficientes nos quadros administrativos das três forças (Bastos, 2009; Mathias, 2005; Santos & Cunha, 2009).

Uma década após, em 1998, as primeiras cadetes da FAB foram

graduadas no Curso de Formação de Oficiais Intendentes (CFOint), que oferece uma formação administrativa em atividades financeiras e logísticas. Finalmente, as militares aviadoras surgiram pela primeira vez no país em 2006, após cursar a Formação de Oficiais Aviadores (CFOav). Até hoje, uma mulher do corpo da FAB pode chegar apenas ao posto de Tenente Coronel.⁷ Essa limitação de carreira verifica-se nas demais forças armadas brasileiras. No caso da Marinha, por exemplo, os Corpos da Armada e de Fuzileiros Navais, “considerados ‘Marinha de Verdade’, são restritos aos homens” (Alvarez, 2011: 60).

De lá para cá, o contingente de mulheres na FAB chegou a cerca de dez mil militares e civis, ou seja, 12% do total,⁸ que se distribuem em atividades de pista e hangares, escolas de formação,

⁶ A sigla CFRA será utilizada ao longo deste artigo para se referir ao Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica.

⁷ Dentro da Força Aérea Brasileira existem cinco divisões. A divisão se dá em ordem de hierarquia. Há os **Oficiais Gerais**, subdivididos em Marechal-do-Ar (somente quando houver uma guerra), Tenente-Brigadeiro-do-Ar, Major-Brigadeiro-do-Ar e Brigadeiro. Os três postos são promovidos através de escolha do Alto Comando da FAB, formado somente de Tenentes-Brigadeiro-do-Ar. Há os **Oficiais Superiores**, subdivididos em Coronel, Tenente-Coronel e Major, e também os **Oficiais Intermediários**, subdivididos em Capitão e em **Oficiais Subalternos** (subdivididos em Primeiro Tenente, Segundo Tenente e Aspirante). Há os **Graduados**, subdivididos em Suboficial,

Primeiro Sargento, Segundo Sargento, Terceiro Sargento, Cabo, Taifeiro-Mor, Soldado Primeira Classe, Taifeiro Primeira Classe, Soldado Segunda Classe e Taifeiro Segunda Classe. Do posto de Coronel até Aspirante, as promoções são realizadas por tempo de serviço em cada posto. De Suboficial até Terceiro Sargento, as promoções são realizadas por tempo de serviço de cada graduado. De Cabo até Taifeiro Segunda Classe são feitas pelo Serviço Militar Obrigatório e tais promoções podem ser realizadas através de provas somente para esse grupo de militares. Ressalta-se, ainda, que a denominação dos postos não possui flexão de gênero, ou seja, os nomes dos cargos são sempre masculinos.

⁸ Disponível em: <http://www.fab.mil.br/servidores>. Acesso em: 2 ago. 2013.

controle aéreo, setor administrativo e de pilotagem. Quanto à Base Aérea de Canoas (BACO), foram localizadas 37 mulheres militares do Quadro de Oficiais

e Graduados de carreira. O quadro abaixo apresenta seu perfil etário e ocupacional.

Tabela 1: perfil etário e ocupacional das mulheres militares da BACO

Patente	Idade	Ocupação
1° Tenente	36	Médica
1° Tenente	29	Intendente
1° Tenente	28	Intendente
1° Tenente	36	Médica
1° Tenente	35	Médica
1° Tenente	27	Aviadora
2° Sargento	31	Controle de Tráfego Aéreo
2° Sargento	28	Informações Aeronáuticas
3° Sargento	29	Equipamento de voo
3° Sargento	26	Controle de Tráfego Aéreo
3° Sargento	30	Enfermagem
3° Sargento	30	Enfermagem
3° Sargento	28	Eletricidade e Instrumentos
3° Sargento	28	Eletricidade e Instrumentos
3° Sargento	25	Eletricidade e Instrumentos
3° Sargento	27	Suprimento
3° Sargento	28	Controle de Tráfego Aéreo
3° Sargento	29	Administração
3° Sargento	28	Administração
3° Sargento	31	Administração
3° Sargento	26	Eletrônica
3° Sargento	29	Administração
3° Sargento	27	Administração
3° Sargento	23	Administração
3° Sargento	28	Controle de Tráfego Aéreo
3° Sargento	21	Administração
3° Sargento	23	Administração
3° Sargento	27	Administração
3° Sargento	23	Administração
3° Sargento	23	Administração
3° Sargento	22	Obras
3° Sargento	23	Música
3° Sargento	21	Controle de Tráfego Aéreo
3° Sargento	21	Controle de Tráfego Aéreo
3° Sargento	25	Controle de Tráfego Aéreo
3° Sargento	20	Sistema de informação
3° Sargento	25	Controle de Tráfego Aéreo

Em síntese, 78% das mulheres da BACO tem a patente de 3º Sargento, que se dividem entre o administrativo (38%) e ocupações relacionadas ao tráfego aéreo (48%). Percebe-se que o contingente é composto por três médicas e duas enfermeiras apenas, sendo que as médicas dispõem das patentes mais altas (1º Tenente). Finalmente, apenas uma aviadora compunha a população de mulheres da BACO na época da pesquisa (segundo semestre de 2013). Trata-se de Camila Bolzan, que se destacou em algumas reportagens por sua idade e por ser a primeira mulher a voar na Instrução Aérea Militar da FAB⁹ e que aceitou participar da pesquisa.

2. Entrevistando mulheres militares: opções metodológicas

Considerando o contexto histórico da participação de mulheres na Força Aérea Brasileira e a proximidade entre a Base Aérea de Canoas/RS e o Unilasalle, centro universitário ao qual os autores e a autora deste artigo estão ligados, delineou-se uma pesquisa exploratória visando à compreensão de como se desenrola o processo de construção de identidade de mulheres militares na BACO. Sob esse ponto de

vista, optou-se por uma metodologia composta por técnicas de pesquisa qualitativa, como observação participante (Malinowski, 1997) e entrevistas semi-estruturadas (Minayo, 2002). Os dados coletados foram gravados e transcritos na íntegra e submetidas a uma leitura flutuante (Bardin, 2008).

Em termos de amostragem, a população foi composta pelas 37 militares da BACO. Após um primeiro contato com oficiais responsáveis, obteve-se o acesso a algumas delas. Para a realização das entrevistas, houve a necessidade de obter a autorização do Comandante da Base. Para isso, foi enviado a ele um ofício contendo as perguntas que seriam feitas nas entrevistas, bem como as justificativas do estudo. Ainda que não experimentando os “convites ‘furados’, ordens ‘que não chegavam’ e/ou ‘lapsos’ de informação” destacados por Piero Leirner (Leirner, 2009: 76), foi fácil perceber o quanto o trabalho de pesquisa foi dirigido e acompanhado de perto pelos setores de inteligência da BACO, quer seja em virtude dos limites em abordar tal ou tal sujeito de pesquisa, seja pela presença ocasional de outras

⁹ “FAB vai treinar mulheres para pilotar”, Página consultada a 02.08.2013, em

<http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2003/not20030210p5113.htm>.

peças, sempre homens, nos locais de entrevista - o que prejudicou, pelo menos em parte, o bom desenvolvimento do trabalho.

Vale aqui sublinhar a importância da equipe de pesquisa ter contado com Felipe Biasus. Na condição de filho de capitão da aeronáutica, seu acesso foi facilitando. Além disso, a participação de Paula Pinhal de Carlos nas entrevistas matizou a relação com as mulheres que participaram da pesquisa. Em ambos os casos, foi possível perceber algumas aberturas que, individualmente, não teriam sido ofertadas. Assim, ao final, conseguiu-se realizar seis entrevistas com mulheres militares da BACO, cujos dados foram considerados satisfatórios para as análises apresentadas aqui.

Apesar dos limites desta pesquisa, considera-se que seus objetivos foram alcançados. Até porque, por premissa, a equipe não visava alcançar a verdade e nem buscar relações de causa e efeito, mas sim analisar aspectos da vida social que uma abordagem qualitativa permite: reconhecimento da pluralidade cultural e da polifonia (Clifford, 1998; Geertz, 2008), profundidade na compreensão de

contextos de produção de fatos sociais e reflexão sobre valores na ação social (Weber, 2002). Por outro lado, tal abordagem apresenta alguns limites, como a onipotência do autor face ao seu objeto (Chizzotti, 2001) e a dificuldade ou impossibilidade em “falsear” as hipóteses demonstradas (Passeron, 1995).

O quadro referencial da pesquisa pautou-se nos estudos em memória social (Bosi, 1994; Halbwachs, 2004; Santos, 2003). Em linhas simples, por memória social compreende-se a atividade de reconstrução do passado - isto é, de “imagens com a marca do anterior” (Ricoeur, 2000) - realizada a partir de quadros sociais comuns, que se revelam no “trabalho de memória” (Eckert & Rocha, 1998) e nas “intuições do instante” (Graeff, 2010). Sob esse ponto de vista, a memória social apresenta-se como uma fonte de conhecimento de si e do mundo que se situa no encontro entre o psíquico e o coletivo.

Em virtude dessa tomada de posição pela memória social, o trabalho de memória das mulheres que participaram da pesquisa não responde apenas aos seus sonhos ou visões de mundo particulares, mas carrega consigo elementos que configuram a condição de

ser militar no Brasil e, sobretudo, as diferenças mais ou menos notáveis entre um homem e uma mulher militar e no que tange às suas rotinas de trabalhos, hierarquias e relações sociais dentro e fora da caserna.

3. Família e carreira: o peso da socialização

As entrevistas realizadas com as seis mulheres oficiais e graduadas da Base Aérea de Canoas/RS partiram sempre de perguntas biográficas: de onde você vem? É de Canoas/RS? E sua família, de onde é? Algum de seus familiares é militar? Tais questões visavam explorar uma eventual “vocação” para a carreira, isto é, algo que estivesse incorporado na trajetória pessoal e profissional desde os “processos primários de socialização” (Berger & Luckmann, 2003). Em linhas simples, explorou-se o surgimento da ideia de seguir a carreira militar. Para Jacira (Oficial Aviadora, 27 anos)¹⁰, por exemplo, a escolha da profissão ocorreu por meio do estudo em colégio militar:

Não eu nunca tinha pensado em ser piloto e nunca cogitei mesmo e surgiu porque eu estudava no

Colégio Militar e a princípio foi eu [...] achava interessante a carreira militar, eu não sabia o que eu queria ser mas, eu achava que eu poderia ser militar depois né, de repente seguir uma outra profissão e após entrar para a carreira militar né, e aí surgiu essa oportunidade dessa primeira turma, eu não sabia direito o que se tratava como que que como que iria ser a rotina o que que iria se fazer profissionalmente, que a gente não tem muita informação até por ser a primeira turma, mas prestei o concurso e pelo interesse em primeiro lugar pela carreira militar e lá na Academia da Força Aérea que eu realmente fui tomar contato. Foi a primeira vez que eu voei e tudo mais foi lá na Academia da Força Aérea então o meu interesse em primeiro lugar veio pela carreira militar já em função de estudar de já estar inserida neste ambiente desde praticamente meus onze anos.

A “vocação” de Jacira para a carreira militar é localizada com precisão: ela tinha onze anos e estudava em colégio militar¹¹. Porém, nem todas as entrevistadas apresentaram uma tal convicção biográfica. Para Maristela (Graduada, trabalha no setor material de segurança de voo, 29 anos), a escolha da profissão ocorreu de maneira inusitada. Desde a infância morando na rua próxima à entrada da BACO, ela sequer sabia que mulheres poderiam seguir uma carreira militar.

¹⁰ Os nomes das entrevistadas foram alterados por demanda do comando da BACO. As entrevistadas deram seu acordo a essa exigência.

¹¹ Cabe ressaltar que a entrada de mulheres nos Colégios Militares só foi permitida a partir da

Portaria Ministerial 810/1987, que destinava 30% das vagas a discentes do sexo feminino (LOHMANN; VOTRE, 2006: 656).

[...] eu não tinha ninguém na família né, militar, então não tinha muito essa, essa visão né... de ser militar, mas um dia eu recebi um panfleto de um cursinho pré-militar na minha casa né, e... aí eu achei bacana e né... me interessei, eu sempre achei bonito mas eu não sabia que mulher podia entrar, né!? [...] eu recebi esse panfleto e daí eu comecei a fazer o cursinho e passei né... depois de dois anos né, estudando... e... por que eu trabalhava né, eu larguei o emprego e tal... mas não foi por intermédio de ninguém assim, a não ser o panfleto realmente né, de... e... e realmente gosto bastante do que faço, acho que é uma profissão é... diferente né, ela é gratificante assim por quê... é... as vezes... tu sentir que tu tá servindo ao país, né!?

Com relação a Anita (Graduada, trabalha no setor de pessoal, 31 anos), a escolha surgiu a partir de um filme mostrando o treinamento de militares de ambos os sexos na Marinha Americana:

[...] eu tinha uns 13 anos eu vi um filme, com um filme de treinamento que tinha mulheres, homens e mulheres juntos, pra Marinha.

[...] e naquele treinamento tinha mulher, e eu achei um máximo. Ela ali junto com eles, treinando, pulando o muro. Ai de lá pra cá, desde aquela época eu queria ser da Marinha, mas as coisas foram evoluindo e eu achei melhor a Aeronáutica, até porque, por orientação do meu pai, meu pai gostava muito da FAB, das Forças Armadas.

Um panfleto que leva ao sonho de uma carreira estável, um filme que

glorifica a carreira militar e torna pensável o ingresso de mulheres na Marinha: para Maristela e Anita, nenhuma “vocaçãõ” familiar ou de escola coloca-se na origem de uma escolha tão fundamental quanto a da escolha por uma profissão. O que se tem são escolhas possíveis em virtude da circulação de representações sobre os papéis públicos que as mulheres podem exercer e, ao mesmo tempo, do caráter estável da carreira militar,¹²

Curiosamente, porém, a circulação de representações sobre a mulher no universo militar pode ser prejudicial no que se refere à valorização da instituição. Ou, mais precisamente, pode prejudicar a percepção dos civis frente aos sacrifícios enfrentados por cada praça e oficial na construção dessa instituição. Assim, se o prestígio de panfletos e filmes pode atrair civis para a carreira militar, eles também contribuem para mistificá-la. Isso fica claro na fala de Jacira:

Mas é que a população olha pra gente achando que a nossa profissão tem um status que às vezes ela não é tanto, né!? Até que, às vezes agora tem um monte de

¹² Na pesquisa de Iara Alvarez a respeito da inclusão de mulheres militares na Marinha (Alvarez, 2011), também há relatos da escolha

pela carreira militar em virtude de filmes americanos e chamadas televisivas somado ao pragmatismo da escolha pela estabilidade.

novela falando sobre militar¹³ então, todo mundo olha aquilo e acha que é um glamour que ah... o pessoal tá sempre numa vida muito boa né, tão sempre viajando fazendo coisas espetaculares mas, não vem que a gente tira serviço que a gente tá aqui final de semana, que a gente não tem horário, que ligam qualquer hora, que a família fica esperando, né!? Não vem a parte ruim, né!? Então acho que não é tanto aquele o que significa, não é tanto aquele glamour que as pessoas pensam ou vem na televisão ou vem nos portões abertos, mas que é uma profissão diferente e que exige um amor muito grande pra que, assim né, tu seja feliz nela, assim.

Para além da mistificação que, em alguns casos, contribuiu para a escolha da carreira, a socialização em ambientes afins à vida militar também marca as escolhas de algumas entrevistadas. Abaixo, o exemplo de Lúcia (Oficial Intendente, trabalha no administrativo da BACO, 28 anos)::

[...] Na verdade, assim, eu nunca tive tanta ligação com a vida militar, na minha família o que eu tenho de parente militar é distante, não é de sangue e é na parte dos bombeiros, assim, então, e nem nas forças armadas e eu nunca tinha pensado em ser militar até então. Quando eu entrei no colégio militar eu comecei a conhecer um pouco o que que é a vida militar e assim eu nunca tinha pensado se mulher podia ou não porque eu nunca tinha me interessado por

isso e em 2000 eu fui a AFA¹⁴ com o pessoal do colégio militar lá do Rio a gente fez uma visita, achei interessante, prestei concurso, fui aprovada no concurso, no segundo ano, só que eu passei em 130º e um monte de coisa e eram 30 vagas então não fui chamada e mesmo que eu fosse eu não tinha o terceiro ano não poderia entrar e aí no terceiro ano eu fiz o concurso de novo, fiquei em 36º e aí eu fui chamada e entrei.

Já para Paula Paula (Graduada, trabalha no setor administrativo da BACO, 23 anos), a escolha da carreira ligou-se à profissão paterna e ao convívio que manteve, quando criança, no ambiente do Hospital da Aeronáutica de Canoas:

[...] meu pai é sargento, já tá na reserva da Aeronáutica, então eu me criei, só que ele trabalhava no Hospital da Aeronáutica ali de Canoas, eu me criei ali dentro. Ai eu achava um máximo, eu disse: meu Deus, eu quero ser – eu nem falava em oficial – eu falava que eu queria ser sargento da Aeronáutica. Eu vou ser sargento da Aeronáutica, se eu não for isso eu não sei o que eu vou ser. E daí eu me interessei pelo fato dele, por ele né, no caso, e me apaixonei pela profissão.

Hilda (Graduada, trabalha na Banda de Música da BACO, 23 anos), por fim, gostava de música. E como tinha um cunhado que era militar e músico, surgiu a ideia de prestar concurso para à

¹³ A entrevistada parece fazer referência especialmente à novela *Salve Jorge*, veiculada no horário das 21h na Rede Globo entre outubro de 2012 e maio de 2013, que possuía um núcleo militar, formado inclusive por mulheres.

¹⁴ Academia da Força Aérea. Tem sua sede na cidade de Pirassununga – São Paulo, atualmente ministra os seguintes cursos, com duração de 4 anos: Curso de Formação de Oficiais Aviadores; Curso de Oficiais Intendente; e Curso de Oficiais de Infantaria da Aeronáutica.

Força Aérea, seguindo carreira como música:

Eu tinha um cunhado que era militar. Foi através dele. Ele era músico militar também. Aí eu gostei e vi como é que era e... eu resolvi estudar também pra passar pra sargento músico.

Observa-se que nenhuma das entrevistadas tinha a carreira militar como uma espécie de ideal a realizar - exceto Paula, que manifestou entusiasmo, desejando tornar-se sargento. Sob esse ponto de vista, os depoimentos recolhidos nesta pesquisa somam-se aos de outros de mulheres militares, indicando o pragmatismo e a desmistificação do caráter vocacional prévio à carreira (Baquim, 2007; D'Araújo, 2003; Mathias, 2005; Santos & Cunha, 2009). Nesse sentido, os dados desta pesquisa corroboram os achados de Celso Castro (1993), que identificou o auto-recrutamento de militares - ou seja, o contingente de oficiais e praças que são filhos de militares - apenas no âmbito do Exército.¹⁵

4. Diferenças entre homem militar e mulher Militar na Base: uma questão de hierarquia?

Ao serem indagadas sobre o que significa ser militar no Brasil, as entrevistadas indicam claramente os valores típicos que qualificam e valorizam socialmente a instituição: a disciplina, o abandono de si por uma causa maior, a ordem, a seriedade e a competência. Como diz Jacira,

eu acho assim que é, é uma carreira que não é fácil, porque a gente abdica de muita coisa pra... pra poder ser militar né!? A gente abre mão da família, de horas de lazer, de finais de semana, né!? E às vezes a gente não é muito reconhecido nem recompensado por isto. Então eu acho que significa em primeiro lugar tem que gostar muito, né!? Não é mais aquela coisa que, de repente antigamente muitas pessoas se atraíam por uma questão de status ou financeira, porque de repente no passado era melhor, né!? Agora acho que vai muito uma questão de ideal de carreira mesmo e eu acho que tem que gostar muito pra... pra continuar sendo, mas é uma profissão muito bonita né, que a gente acaba sentindo muito amor por aquilo, acho que é isso que significa, entendeu? Uma dedicação, um amor... uma coisa assim...

Ser militar para essas mulheres é, antes de tudo, sacrificar-se em nome de

¹⁵ "O perigo mais óbvio dessa situação é, a meu ver, o desenvolvimento (ou persistência), dentro do Exército, de valores diferentes daqueles desejados pela sociedade civil. Temos dados culturais e dados de composição social que apontam na mesma direção. O progressivo

fechamento e isolamento social do Exército, somado à perda de prestígio social que se seguiu ao fim dos governos militares, é um dos principais elementos da crise de identidade social em que a instituição hoje se encontra" (Castro, 1993: 231).

ideais coletivos típicos do “espírito militar” (Castro, 1990). Sob esse ponto de vista, as lembranças do processo de formação são enquadradas pelo presente da caserna. Como indica Emília Emi Takahashi (2002), as mulheres militares pioneiras na Força Aérea Brasileira experimentaram uma série de pressões e tratamentos diferenciados na tentativa da Academia de Agulhas Negras, em sua hierarquia e forma tradicional de formar oficiais, dar conta da “igualdade”.

[...] é diferente né, a gente entra, a gente passa por é, situações que em qualquer outro concurso a gente não passaria né. A questão de regime internato, curso é... são umas dificuldades que a gente passa pra se preparar pra uma maior dificuldade né, e isso faz com que a gente também fique mais unido né, cria uma... uma cumplicidade assim entre... né, a gente trabalha em equipe e na... realmente na hora das dificuldades que a gente vê que funciona né... e ter esse sentimento, ter... e tu saber que tu fazendo isso, e é pra, o, o fim é ajudar alguém é... no fundo é a população né, o Brasil né. A gente tem esse patriotismo e é pra ajudar a população né. E isso é gratificante, muito gratificante né. [...]. Eu tenho muito orgulho de vestir a camisa e ser militar por quê embora tenha tantas coisas ocorrendo no Brasil né, tantas coisas que indignam a gente... A gente tem que tentar fazer o nosso, né.

O afastamento do mundo civil, o isolamento e o condicionamento físico levaram essas mulheres a um

“embrutecimento” que, incorporado, as acompanha até hoje em suas falas e perspectivas sobre o mundo. Sobre isso escreve Maria Cecília Adão:

Ao longo de toda sua carreira, um oficial militar é estimulado a adquirir e internalizar valores que são tidos como essenciais para a formação, dignificação e distinção de um membro das Forças Armadas. Dentre estes valores está o respeito pelos princípios da disciplina e hierarquia, tidos como os valores constitutivos ou que sustentam a existência das Forças Armadas. (Adão, 2007:1)

Esse “embrutecimento” é acompanhado de técnicas corporais próprias, isto é, atos tradicionais e eficazes incorporados neste instrumento elementar de relação com o mundo que é o corpo (Mauss, 2003). A estimulação sistemática de valores na caserna imbui as entrevistas de uma não apenas de representações de “ser militar” ou de “ser mulher militar”, mas de agir como militar. Esse agir é uma estrutura estruturante e estruturada, como diria Pierre Bourdieu (2004): a incorporação dos valores e dos modos de agir militares opera como instrumento de conhecimento do mundo e como meios de comunicação que, simultaneamente, produzem divisões no mundo social. Ao tornar-se militar, essas mulheres separam-se dos não-militares; ao se

afirmarem como “iguais” aos homens militares, incluem-se em uma comunidade de destino. O “embrutecimento”, portanto, redundando em uma visão de mundo compartilhada que se revela nas falas e nas ações dessas entrevistadas.

Sob a ótica dessa comunidade de destino, destaca-se a necessidade que as entrevistadas demonstram em valorizar o que fazem. Isso talvez se deva, em primeiro lugar, à juventude da carreira. No entanto, para além disso, o conceito geral implicado em ser militar no Brasil depende de um passado político do país pesa sobre a profissão (Castro, 1993; Leirner, 2009). Sob esse ponto de vista, não é compensatória essa valorização da responsabilidade, da cumplicidade e do espírito de equipe? Os sacrifícios implicados na opção pela carreira militar não se relacionam, finalmente, às representações sociais dos militares no Brasil? Se esse é o caso, há uma diferença quando se é mulher ou homem militar? A insistência no “glamour” da carreira, no amor e na dedicação é própria desse grupo de sujeitos de pesquisa? Afinal de contas, como as mulheres entrevistadas responde às questões diretas sobre as relações entre homens e mulheres dentro da Base ou fora dela?

Na dinâmica das entrevistas, foi possível identificar qualitativos e expressões veladas que remetem às diferenças de gênero. Porém, as reflexões e pontos de vista sobre as relações entre homens e mulheres na Base surgiram explicitamente a partir de questões diretas sobre essa temática. A decisão por questionar diretamente as entrevistadas permite compreender um pouco mais sobre essas relações acontecem dentro da caserna – ainda que seja para dizer que “não há diferenciação de homem e mulher dentro do quartel”, que “todos são militares” ou “iguais”, ou que “o que diferencia é o respeito à hierarquia”.

Gênero é aqui compreendido a partir da concepção de que a diferenciação sexual é um trabalho de simbolização, inculcado socioculturalmente (Heilborn, 1997). O termo gênero também pode ser compreendido, com Nicholson (2000), como referência às construções sociais que tem a ver com a distinção entre feminino e masculino. Neste trabalho, compreende-se gênero como um constructo social que envolve relações de poder e de diferenciação (Butler, 2003). Isso dito, é interessante destacar a fala de Jacira: segundo ela, as

“cobranças” feitas dos homens e das mulheres são iguais na BACO:

Eu acho que... as funções são as mesmas né!? Ee a gente desde a escola e a formação todo mundo é cobrado igual e tem o curso igual, né!? As diferenças são físicas, né!? De repente um teste físico não é igual ao teste físico da mulher ao teste físico do homem, né!? E o uniforme não é igual, né!? A gente tem as diferenças físicas entre um homem e uma mulher. Tu olha, tu vê né!? Mas entre funções assim eu não vejo ninguém sendo cobrado diferente ou numa hora de tirar um serviço, não, não pode dormir no quartel por que é mulher... não. Eu acho que nas funções é igual, agora, aquelas diferenças naturais entre homens e mulheres se mantêm, né!? mas que não interferem assim, no serviço ou na atividade eu acho... eu acho isso.

Para Maristela, não há “diferenciação nos tratamentos”, mas mesmo com a “rusticidade” o tratamento é igual.

Não... assim... eu não vejo diferenciação nos tratamentos, né!? É claro que cada um tem a sua... né... o seu jeito. Mulher querendo ou não é um pouco diferente do homem, né!? Questões físicas, né!? Psicológica um pouco assim, né... é um pouco mais é... é já da cultura e do próprio organismo né... se mais sensível pra algumas coisas, sentimental digamos assim né...mas é... a gente é bastante trinado pra também se tornar um pouco mais rústico né... ter um pouco mais de rusticidade. Então eu acho que o tratamento no final

acaba sendo igual não tem... é... que as vezes as pessoas até podem achar que tem uma diferenciação, mas eu acho que a diferenciação ocorre com todo mundo, porque todo mundo é diferente, então tu vai tratar uma pessoa de um jeito porque ela tem uma personalidade tal, vai tratar outra. Mas no final o regulamento e a forma de, de... de...utilização do regulamento ela é igual pra todo mundo né... claro que aqui a cultura é... aqui no sul teve é... as mulheres começaram a vim pra cá bem depois, no Rio de Janeiro e São Paulo, né... Então mudar a cultura do gaúcho né... se adaptar com mulher no quartel é... o pessoal mais antigo as vezes tem um pouco mais de dificuldade porque não teve no... no curso preparatório não teve mulher, então tem um pouquinho mais dificuldade não saber lidar, mas hoje em dia eu já vejo muita tranquilidade né, não tem... diferenciação assim...

Nas falas de Jacira e Maristela denota-se a questão da naturalização das diferenças. Isso significa que estão presentes, aqui, a percepção de aspectos do papel ou da identidade de gênero, construídos socialmente, que são tidos como biológicos. É o que ocorre sobretudo com a questão da força física, mas também no que se refere à dita sensibilidade.¹⁶ Novamente, a incorporação dos valores e dos modos de agir militares deve ser destacada aqui: força e sensibilidade não são atributos naturais, que distinguem homens e mulheres. Tratam-se de constructos

¹⁶ Acerca da biologização das diferenças culturais, ver Citeli, 2001.

sociais carregados de representações e que se instrumentalizam através de atos tradicionais e eficazes. Nas palavras e Marcel Mauss,

A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. (Mauss, 2003:405)

A biologização ou naturalização das diferenças vem a legitimar as desigualdades entre mulheres e homens, na medida em que as pode tornar invisíveis e incontestáveis. Marlene Neves Strey e outras asseveram que “quando uma característica *masculina* ou *feminina* é vista como derivada ou produto do biológico, apesar de ser culturalmente construída, isso terá uma importância muito maior do que se fosse considerada somente como algo cultural” (1997: 85).

Lucia acredita que essa diferença existe, mas com o tempo “tende a cair”. Esse é um ponto de vista recorrente, identificado em outros trabalhos (Mariuzzo, 2008; Takahashi, 2002). Por outro lado, ela mencionou “brincadeiras” na academia. Mesmo sem especificá-las,

Lucia não deixa de explicitar o peso silencioso das relações de gênero na caserna:

Eu acho que isso ainda existe, mas tende a cair. Na academia, existe muito, o pessoal brinca, acha que “a mulher é favorecida, não é tão cobrada”. Na verdade eu acho que a gente tende a ser tão cobrada quanto os homens, só que nossas resistências são diferentes, nossa aptidão física é diferente, então a gente não pode ser cobrada de maneira igual, porém proporcional a que os homens são cobrados, e é o que eu vejo assim e entendo os intelectuais e acho que não há diferença, a gente tem relativamente o mesmo nível, não dá para comparar sexos.

Eu vejo que as mulheres se dedicam mais, talvez até como “vou resgatando aí a historia né, antes a mulher era a ama de casa, a ama do lar e depois ela começou a despontar em varias áreas e então talvez até por isso de querer provar, querer ser, querer fazer, talvez, acredito que possa ser por isso também, mas o que eu vejo assim, em termos intelectuais não há diferença. Assim, a noção que eu tenho é essa: que as mulheres tem um certo cuidado a mais na hora de tratar. Por exemplo, a minha área que é a parte da documentação, de pagamento. Então, vejo que as mulheres tem um certo cuidado a mais, não que os homens não tenham, mas as mulheres tem um certo resguardo a mais.

Mulheres “favorecidas”, “que se dedicam mais”: até que ponto “não dá para comparar sexos”, como diz Lucia? O que dizer quando Paula afirma que “mulher na Força” ou é “homossexual [...] ou quer pegar um monte de homem”?

Sim, eu sinto bastante isso, aqui dentro mesmo, sabe?! Tanto a sociedade, mas mais aqui dentro que eu vejo mulher na Força, ou a mulher é homossexual pra tá dentro ou quer pegar um monte de homem.

É uma mudança, mas está sendo um pouco lenta. Assim, imagina desde a revolução que teve lá do sutiã...

Claro, muita coisa mudou. Mas, ainda há esse preconceito, ainda mais aqui dentro. Ainda há esse preconceito da mulher, que a mulher não tem essa capacidade, não tem a força necessária se tiver uma guerra, não tem a força que um homem tem, sabe?! Tudo bem, realmente a mulher é o sexo frágil, talvez.

Talvez algumas coisas, mas eu acho que a gente tem sim a mesma capacidade, eu estudei, se ele tá aqui dentro eu também posso, porque que eu não posso fazer. Eu passei por tudo que algumas pessoas passaram e tô aqui. Só que há esse preconceito aqui dentro. Nossa, você não pode dar um erro lá fora que eu sou uma pessoa totalmente diferente do que sou aqui dentro. Porque que eu não posso sorrir pra ninguém, porque o soldado ou o sargento tá pegando, que eu sou fácil, que eu não sei o que. Não, per aí né, eu gosto de trabalhar com pessoas, eu gosto de atender o público, eu gosto de... Eu sou eu. Só que, aí você não pode, você tem que ser mais fechada aqui dentro, porque existe essa visão, esse preconceito.

Tanto no que se refere à associação com a homossexualidade, quanto no que se refere à associação da “pegadora”, aparece na fala de Paula a questão da sexualidade, que é compreendida aqui, com Foucault (1988: 100), como um dispositivo histórico. Michèle Ferrand (2004) e Michel Bozon

(2009) entendem a sexualidade não apenas como as práticas sexuais, mas também como as suas significações. Logo, o “embrutecimento” exigido dessas mulheres é associado e significado nesse meio como algo relacionado à sexualidade, seja atribuindo-o à orientação sexual homossexual, seja vinculando-o a uma prática sexual não permitida às mulheres, que é a de “pegar um monte de homem”.

Muita coisa mudou, mas muita coisa continua desigual. Fala-se em “capacidades” iguais, o que remete a faculdades intelectuais, bem como se fala sobre “força” como uma prerrogativa do homem. As desigualdades relacionais se expressam assim, nos detalhes, mas não apenas neles. O caso dos alojamentos, das formas de treinamento e dos banheiros é exemplar nesse sentido, como destaca Anita:

Eu acho que ainda há diferenças sim, até pelo nosso treinamento, até porque se não fosse diferente nós não teríamos alojamentos separados, nós temos tudo separado, alojamento feminino, o nosso treinamento é diferenciado no número de flexões, abdominais por exemplo. É diferenciado e tem a diferença assim, tanto é que no próprio regulamento prevê uma distância, não posso ficar muito perto de um colega homem, tem que ter uma distância de um metro. Isso é mais quando a gente está na escola, quando a gente vem para o trabalho normal já não é tanto

assim, mas ainda tem aquela... as pessoas observam, tem aquele receio.

As distâncias espaciais podem ser vividas como diferenciações positivas ou negativas. Eis o paradoxo: tratar igualmente homens e mulheres significa colocá-los no mesmo alojamento ou submetê-los aos mesmos treinamentos? E como ficam as regiões cinzas, de passagem, onde homens e mulheres se cruzam e arriscam sexualizar as relações? Hilda é a única mulher no setor onde trabalha e revela que “têm até ciúmes”. Em outra parte, percebe-se que há ponderação na hora da fala quando a militar está presente.

É. Eu sou a única mulher da banda. E... é como se fosse pessoal sabe... não... não toque em mim, sabe. O pessoal me respeita bastante assim sabe? Tem até ciúmes assim digamos... mas o pessoal são tranquilo, me respeitam, não... eles até ponderam nas palavras pra falar comigo, assim...

Aí quando eu, tipo... to de férias aí eu chego, aí... a gente tá reunidos assim, aí alguém meio que fala alguma coisa, olha lá, a Daiane tá aí, a Daiane tá aí. Já muda. Ah... tem diferença, né!? Tem... tem poucas mulheres aqui na base. São poucas acho que são...

Manter distância, não tocar, respeitar. Expressões ambíguas de diferenças de gênero, veladas, mas que nem por isso deixam de causar sentimentos estranhos à igualdade

declarada nos cursos de formação para a carreira militar.

Como escreve Helena Carreiras (2004: 72),

[...] apesar da tendência para uma progressiva eliminação de normas e praticas discriminatórias e de esforços no sentido da equalização estatutária entre militares de ambos os sexos, persistem ainda diversas restrições ocupacionais e as mulheres continuam maioritariamente excluídas de funções relacionadas com o combate; por outro lado, detêm, em geral, níveis limitados de representação hierárquica e encontram-se afastadas das principais posições de poder no sistema militar; nem sempre são aceites e enfrentam frequentemente reações hostis

Ou seja: ainda que a estrutura de formação para a vida militar se volte para uma anulação das diferenças de gênero, essas são muito mais profundas e não podem ser revogadas por decreto. O uniforme, a igualdade na distribuição das tarefas, as responsabilidades, a hierarquia, tudo isso é norteado por convicções de que homem e mulher são ontologicamente diferentes. Não obstante o empenho rumo a uma abertura para condições de ser mulher militar na Base que não implique em sentimentos de exclusão e subordinação em termos de gênero, as diferenças persistem – caso contrário, não seria necessário sublinhar,

insistir e repetir que, na Base, homem e mulher são “a mesma coisa”.

Conclusão

A proposta deste artigo era a de contribuir para os debates sobre gênero e carreira militar a partir de uma pesquisa em memória social. Em termos de resultados, não se pode dizer que essa modalidade de pesquisa ofereça dados peculiares, isso é, que não tenham sido mapeados por outras investigações. Em verdade, as discussões aqui apresentadas acompanham as que serviram de apoio bibliográfico e científico para a pesquisa.

Em parte, isso se explica em virtude da interdisciplinaridade que forja o conceito e contribui para constituir esse jovem campo de estudos denominado “memória social” (Gondar, 2005). Como sugere Myriam Sepúlveda dos Santos, a partir dos trabalhos de Ulric Neisser, “os novos estudos interdisciplinares sobre a memória não representam simplesmente a adoção de novos métodos ou abordagens, mas sim uma nova definição de memória” (Santos, 2003:65). Sob esse ponto de vista, a memória social se afirma como uma pista para se compreender as atividades de recordar os tempos vividos e de elaborar uma compreensão sobre o presente sob um ponto de vista que

privilegia a construção de si mesmo e do mundo sob a ótica da duração social - e não como um conjunto específico de técnicas de coleta e análise de dados.

No caso das mulheres entrevistadas que emprestaram seus depoimentos para esta publicação, as lembranças e a compreensão do presente se vinculam tanto à duração social das Forças Armadas brasileiras quanto à das experiências de ser mulher no Brasil. A “caserna”, sob esse ponto de vista, é uma camada que circunscreve necessariamente as falas das entrevistadas. Quer seja de modo tácito ou explícito, os pesquisadores e a pesquisadora perceberam silêncios, hesitações e comprometimentos nos antes, ao longo e após os depoimentos. A ênfase no caráter igualitário entre homens e mulheres também é um indício da onipresença da caserna em termos de enquadramento discursivo: sempre que as entrevistadas sugeriam diferenças, em algum momento posterior elas retornavam à força da formação, via academia militar, na construção de um espírito de corpo assexuado - “aqui, só tem militar”, “todos tem a mesma capacidade”, etc.

Enfim, o trabalho realizado junto a mulheres que atuam na Força Aérea Brasileira no sul do Brasil serve como

inspiração para a continuidade de pesquisas versando sobre as relações de gênero nas diferentes unidades espalhadas nos três estados que compõem o Quinto Comando Aéreo Regional. Espera-se, ainda, que a pesquisa seja uma contribuição a mais para a compreensão das dificuldades enfrentadas por civis na realização de investigações em instituições militares e que abra portas, desde então, para novas problematizações científicas e sociais.

Referências bibliográficas

ADÃO, Maria Cecília. A formação militar e a incorporação feminina: as dificuldades na ocupação de novos espaços. Disponível em: <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/Integra/Maria_Cecília_de_Oliveira_Adão_1208-07.pdf>. Acesso em: 21 out. 2013.

ALVAREZ, Iara Maria Martins. Políticas públicas de gênero: a inclusão das mulheres na Marinha do Brasil como militares. Dissertação de mestrado, Gestão de Políticas Públicas, Univali, 2011.

BAQUIM, Cristiane Aparecida. Mulher e piloto: o caso das pioneiras da aviação militar brasileira. Disponível em: <<http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/Integra/Cristiane%20Baquim%2002-08-07.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70, 2008.

BASTOS, Maria Lúcia da Costa. Formação de identidade da mulher militar: Análise do Caso do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro – Curso de Formação de Oficiais do ano de 2009. Trabalho de conclusão de curso de especialização, Aplicações Complementares às Ciências Militares, Escola de Saúde do Exército, 2009.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 23.ed. Petrópolis, Vozes, 2003.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 6. ed. Lisboa: Difel, 2004.

BOZON, Michel. Sociologie de la sexualité. 2.ed. Paris, Armand Colin, 2009.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Mulher e trabalho: engenheiras, enfermeiras e professoras. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 1978, pp. 3–17.

_____. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, 1994, pp. 179-202.

_____. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 2007, pp. 537–572.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CARREIRAS, Helena. Diversidade Social nas Forças Armadas: Gênero e Orientação Sexual em Perspectiva Comparada. Nação e Defesa, Lisboa,

2004, pp. 61–88.

CASTRO, Celso. A origem social dos militares: novos dados para uma antiga discussão. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, 1993, pp. 225–231.

_____. O Espírito Militar. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 5.ed. São Paulo, Cortez, 2001.

CITELI, Maria Teresa. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2001, pp. 131-145.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

D'ARAÚJO, Maria Celina. Mulheres e questões de gênero nas Forças Armadas brasileiras. Santiago: Centro de Estudios de Defensa, 2003, pp. 1–20.

DE OLIVEIRA, Alexandre Barbosa et al. “No front dos sexos”: a marcha de enfermeiras brasileiras para a conquista do serviço militar. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, 2013, pp. 636–45.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano sob a ótica de itinerários dos grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. *Revista Margem*, São Paulo, 1998, pp. 243–259.

FERRAND, Michèle. *Féminin masculin*. Paris, La Découverte, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3.ed. Curitiba, Positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. V.1. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2008.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: _____. DOBEDEI, VERA (Eds.). *O que é memória social?*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2005, pp. 11–26.

GRAEFF, Lucas. Instituições totais e a questão asilar: uma abordagem compreensiva. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, 2008, pp. 9-27.

_____. Quando durar é recomeçar: a narrativa de vida como intuição do presente. *Museion*, Canoas, 2010, pp. 28–41.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Corpo, sexualidade e gênero. In: DORA, Denise Dourado (org.). *Feminino masculino: igualdade e diferença na justiça*. Porto Alegre, Sulina, 1997, pp. 47-58.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Unicamp, 2003.

LEIRNER, Piero C. A etnografia como extensão da guerra por outros meios: notas sobre a pesquisa com militares. *Mana*, Rio de Janeiro, 2009, pp. 59– 89.

LOHMANN, Liliana Adiers; VOTRE, Sebastião Josué. A inserção acadêmica e esportiva da primeira turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2006, pp. 655-680.

LOMBARDI, Maria Rosa. Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina. Tese de doutorado, Educação, Unicamp, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: objecto, método e alcance desta investigação. *Ethnologia*, Lisboa, 1997, pp. 17-37.

MARIUZZO, Patrícia. Mulheres nas forças armadas desafiam conceito de soldado. *Ciência e Cultura*, Campinas, 2008, pp. 10-11.

MATHIAS, Suzeley Kalil. As mulheres chegam aos quartéis. *Resdal Eletrônica*, Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://www.resdal.org.ar/art-kalil.html>. Acesso em: 10 jun. 2014.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. 1. ed. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2003.

MINAYO, Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Vozes, 2002.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2000, pp. 9-41.

PASSERON, Jean-Claude. *O raciocínio sociológico*. Petrópolis, Vozes, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1989, pp. 3-15.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris, Seuil, 2000.

SANTOS, Lauciana Rodrigues dos; CUNHA, Paulo Ribeiro Rodrigues. A participação das mulheres nas forças

armadas brasileiras: um debate contemporâneo. In: III ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA, 2009, Londrina/PR. *Anais...* Londrina, 2009. pp. 1-14.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. *Memória coletiva & teoria social*. São Paulo, Annablume, 2003.

STREY, Marlene Neves et al. Mulher, gênero e representação. In: (org.). *Mulher, estudos de gênero*. São Leopoldo, UNISINOS, 1997, pp. 79-98.

TAKAHASHI, Emília Emi. Homens e mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar. Tese de doutorado, Educação, Unicamp, 2002.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro, LTC, 2002.

Data de Recebimento: 11/07/2015

Data de Aceitação: 09/12/2015